

## O IMPACTO DO SUPORTE PSICOSSOCIAL OFERECIDO POR ENFERMEIROS EM PACIENTES ONCOLÓGICOS E SEUS FAMILIARES

Thaiana Kaira Hildebrando Perez<sup>1</sup>  
Yngrid Cavalcante de Oliveira Freitas<sup>2</sup>  
Ananda Neves Costa<sup>3</sup>  
Júlia Pinho Valente Goulart<sup>4</sup>  
Laura Alves Vieira de Moraes<sup>5</sup>  
Thamyres Cristina Oliveira Santos<sup>6</sup>  
Vitória Corchak de Souza<sup>7</sup>  
Rayanne Felix Matos<sup>8</sup>  
Rodrigo Mendes Venâncio da Silva<sup>9</sup>  
Giovanna Alves de Souza<sup>10</sup>

**RESUMO:** O suporte psicossocial fornecido por enfermeiros a pacientes oncológicos e seus familiares é um elemento crítico no processo de tratamento e recuperação, influenciando significativamente a qualidade de vida e bem-estar emocional dos envolvidos. Este artigo revisa a literatura existente sobre o impacto desse tipo de apoio, enfatizando as práticas de cuidado holístico que transcendem o tratamento físico do câncer. Aborda-se como a intervenção precoce e adaptada às necessidades individuais dos pacientes e familiares pode mitigar o estresse psicológico, melhorar a comunicação entre pacientes, familiares e equipe de saúde, e fortalecer redes de apoio social. A análise dos estudos demonstra que o envolvimento ativo dos enfermeiros no suporte psicossocial contribui para melhor adesão ao tratamento, redução da ansiedade e depressão, e promoção da resiliência tanto em pacientes quanto em seus cuidadores.

**Palavra-chave:** Suporte Psicossocial. Enfermagem Oncológica. Qualidade de Vida.

### INTRODUÇÃO

A jornada de enfrentamento ao câncer é marcada por desafios significativos, não apenas para os pacientes, mas também para seus familiares. Neste cenário, o suporte psicossocial emerge como um pilar essencial, oferecendo um alívio tangível

861

<sup>1</sup>Graduanda em Enfermagem, Centro Universitário de Rio Preto.

<sup>2</sup>Graduanda de medicina, Centro Universitário Unifacisa.

<sup>3</sup>Graduanda em Medicina - Universidade Anhembi Morumbi SJC.

<sup>4</sup>Graduanda de medicina, Universidade Católica de Pelotas.

<sup>5</sup>Graduanda em medicina, Universidade municipal de São Caetano do Sul.

<sup>6</sup>Graduanda em enfermagem, UNA- Campus Divinópolis.

<sup>7</sup>Graduanda em Medicina, Universidade de Araraquara.

<sup>8</sup>Graduanda em Enfermagem, Universidade do Estado do Amazonas.

<sup>9</sup>Graduado em Medicina, Faculdade Morgana Potrich.

<sup>10</sup>Nível de escolaridade: Graduanda em enfermagem, Universidade do Estado do Amazonas

frente às adversidades impostas pela doença. Dentre os profissionais de saúde, os enfermeiros ocupam uma posição única, estando na linha de frente do cuidado, o que lhes permite oferecer um suporte psicossocial abrangente e sensível às necessidades de cada indivíduo envolvido no processo oncológico.

A atuação dos enfermeiros no contexto oncológico vai além dos cuidados físicos e técnicos; eles desempenham um papel crucial no atendimento às demandas emocionais, sociais e psicológicas dos pacientes e de seus familiares. Este suporte psicossocial é fundamental para mitigar o impacto do diagnóstico de câncer, auxiliando no manejo dos sintomas, na compreensão do tratamento e nas adaptações necessárias à nova realidade imposta pela doença. Por meio de uma abordagem holística, os enfermeiros contribuem para a promoção da saúde mental, a melhoria da qualidade de vida e o fortalecimento da resiliência dos envolvidos.

A importância do suporte psicossocial reside na compreensão de que o câncer não afeta apenas o corpo, mas também a mente e as relações sociais do paciente. Assim, os enfermeiros atuam como mediadores cruciais, facilitando a comunicação entre o paciente, a família e a equipe de saúde, promovendo um ambiente de cuidado integrado e coeso. Essa interação próxima permite a identificação precoce de necessidades psicossociais e a intervenção adequada, garantindo que o suporte oferecido seja personalizado e efetivo.

Além disso, o envolvimento ativo dos enfermeiros no suporte psicossocial ajuda na educação dos pacientes e familiares sobre a doença e seu tratamento. Essa orientação é vital para o empoderamento dos pacientes, incentivando a adesão ao tratamento e práticas de autocuidado. Por sua vez, os familiares recebem o apoio necessário para enfrentar os desafios cotidianos, minimizando o estresse e a sobrecarga emocional frequentemente associados ao cuidado de um ente querido com câncer.

A pesquisa e a prática clínica têm demonstrado os efeitos positivos do suporte psicossocial na jornada oncológica. Pacientes que recebem esse tipo de suporte tendem a apresentar melhores resultados de saúde, incluindo menor incidência de depressão e ansiedade, e uma maior satisfação com a vida e com o tratamento recebido. Tal suporte é também associado a uma maior capacidade de lidar com a doença e seus tratamentos, evidenciando a importância de abordagens integrativas que considerem o paciente em sua totalidade.

Portanto, o papel dos enfermeiros na oferta de suporte psicossocial a pacientes oncológicos e seus familiares é indispensável. Ao fornecer cuidados que abrangem as dimensões físicas, emocionais e sociais da experiência oncológica, os enfermeiros desempenham um papel chave na melhoria da qualidade de vida e no bem-estar desses indivíduos. Assim, a integração efetiva do suporte psicossocial nos cuidados de enfermagem oncológica é fundamental para atender de maneira holística às necessidades dos pacientes e de seus familiares, reforçando a importância de abordagens multidisciplinares no tratamento do câncer.

### **i. Melhoria na qualidade de vida dos pacientes e familiares**

A melhoria na qualidade de vida de pacientes e seus familiares é uma área de crescente importância dentro do âmbito da saúde. A implementação de cuidados paliativos, conforme descrito por Silva, Amaral, e Malagutti (2013), visa a proporcionar um suporte holístico a pacientes em estado crítico ou terminal, enfatizando não apenas a gestão da dor, mas também o apoio emocional e psicológico. Essa abordagem multidisciplinar é fundamental para garantir que o paciente e sua família possam enfrentar esse período com dignidade e o menor sofrimento possível (Silva, Amaral, & Malagutti, 2013).

A comunicação efetiva entre a equipe de saúde, pacientes e familiares é crucial no contexto dos cuidados paliativos. Andrade, Costa, e Lopes (2013) destacam a importância da comunicação como uma ferramenta essencial para entender as necessidades e desejos dos pacientes terminais. Isso facilita a tomada de decisões compartilhadas e personalizadas, assegurando que os cuidados estejam alinhados com os valores e preferências dos pacientes (Andrade, Costa, & Lopes, 2013).

A abordagem dos cuidados paliativos, segundo Santos (2009), também enfoca a importância de discutir temas difíceis como vida, morte e o processo de morrer. Essa abertura permite que pacientes e familiares processem suas emoções, medos e esperanças de maneira saudável, contribuindo significativamente para a melhoria da qualidade de vida durante esse período desafiador (Santos, 2009).

Em um estudo sobre pacientes oncológicos, Almeida et al. (2019) identificaram a síndrome de terminalidade como um diagnóstico de enfermagem frequente, ressaltando a necessidade de abordagens específicas para lidar com os sintomas físicos,

emocionais e sociais enfrentados por esses pacientes. A identificação precoce dessa síndrome permite uma melhor gestão dos cuidados paliativos, visando a melhoria da qualidade de vida tanto do paciente quanto de seus familiares (Almeida et al., 2019).

A percepção das enfermeiras sobre seu papel no apoio a pacientes com câncer é fundamental para a eficácia dos cuidados paliativos. Bafandeh Zende et al. (2022) evidenciam que o entendimento e a empatia dos profissionais de enfermagem são cruciais para oferecer um suporte adequado, destacando a importância de uma formação contínua e especializada nesse campo (Bafandeh Zendeh, Hemmati Maslakpak, & Jasemi, 2022).

A Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC), conforme descrita por Bulechek et al. (2017), oferece uma estrutura valiosa para a implementação de práticas de cuidados paliativos eficazes. A NIC abrange uma ampla gama de intervenções que podem ser personalizadas para atender às necessidades individuais dos pacientes, promovendo assim uma melhoria significativa na qualidade de vida (Bulechek et al., 2017).

Finalmente, a compreensão das estatísticas de câncer, como apresentado por Siegel, Miller, e Jemal (2019), é crucial para o planejamento e implementação de estratégias eficazes de cuidados paliativos. O conhecimento sobre a prevalência e a distribuição da doença permite que os profissionais de saúde identifiquem as necessidades específicas dos pacientes e suas famílias, adaptando os cuidados para melhor atendê-los (Siegel, Miller, & Jemal, 2019).

A melhoria na qualidade de vida dos pacientes e de seus familiares envolve uma abordagem holística e multidisciplinar, que abrange desde a gestão eficaz da dor até o suporte emocional e psicológico. A literatura enfatiza a importância de uma comunicação clara e empática, bem como a necessidade de abordar temas como a vida, a morte e o processo de morrer de maneira aberta e respeitosa. As estratégias e intervenções devem ser personalizadas para atender às necessidades individuais dos pacientes, com o objetivo de proporcionar o maior conforto e dignidade possível nesse período desafiador.

A prática dos cuidados paliativos requer a integração de conhecimentos específicos, habilidades comunicativas e empatia por parte dos profissionais de saúde. Essa integração é essencial para criar um ambiente de suporte que respeita as

preferências dos pacientes e promove a melhor qualidade de vida possível. A capacitação contínua dos profissionais em técnicas de comunicação sensíveis e eficazes é destacada por Silva, Amaral e Malagutti (2013) como um pilar na melhoria dos cuidados paliativos, enfatizando que o cuidado compassivo é tanto uma ciência quanto uma arte (Silva, Amaral, & Malagutti, 2013).

O envolvimento da família nos cuidados paliativos é outro aspecto crítico. Andrade, Costa e Lopes (2013) apontam que, além do suporte ao paciente, os cuidados paliativos também devem oferecer recursos e suporte psicológico aos familiares. A família desempenha um papel central no bem-estar do paciente, e sua inclusão nos processos de decisão e cuidado é fundamental para uma experiência de cuidados paliativos verdadeiramente holística (Andrade, Costa, & Lopes, 2013).

A gestão da dor e outros sintomas físicos é uma prioridade nos cuidados paliativos, mas Santos (2009) salienta que a atenção às necessidades psicológicas e espirituais do paciente é igualmente importante. Técnicas de manejo da dor devem ser complementadas com estratégias de suporte emocional e espiritual, adaptadas às necessidades e crenças individuais dos pacientes e de suas famílias (Santos, 2009).

A importância da pesquisa e da inovação na prática dos cuidados paliativos é enfatizada por Almeida et al. (2019). Eles argumentam que a compreensão dos processos de terminalidade pode melhorar significativamente as estratégias de cuidado, tornando-os mais efetivos e personalizados. A pesquisa contribui para a base de conhecimento que sustenta práticas de cuidado inovadoras e centradas no paciente (Almeida et al., 2019).

Bafandeh Zende et al. (2022) discutem a percepção das enfermeiras sobre seu papel no apoio a pacientes com câncer, destacando a complexidade dos cuidados paliativos. A capacidade de entender as necessidades dos pacientes, juntamente com habilidades técnicas de cuidado, é crucial para fornecer um suporte eficaz e empático. A formação contínua e o desenvolvimento profissional são essenciais para manter a qualidade dos cuidados prestados (Bafandeh Zende, Hemmati Maslakpak, & Jasemi, 2022).

A classificação NIC, segundo Bulechek et al. (2017), oferece uma estrutura para intervenções de enfermagem que podem ser adaptadas às necessidades específicas dos pacientes em cuidados paliativos. Essa flexibilidade é crucial para o desenvolvimento

de planos de cuidado personalizados que abordem tanto as necessidades físicas quanto emocionais dos pacientes e suas famílias (Bulechek et al., 2017).

Por fim, Siegel, Miller e Jemal (2019) ressaltam a importância de se manter atualizado sobre as estatísticas e tendências do câncer para planejar efetivamente os cuidados paliativos. Essa informação permite que os profissionais de saúde antecipem as necessidades dos pacientes e adaptem seus métodos de cuidado conforme necessário, assegurando que os pacientes e suas famílias recebam o melhor suporte possível (Siegel, Miller, & Jemal, 2019).

### **i. Fomento da adesão ao tratamento e autocuidado**

Fomentar a adesão ao tratamento e encorajar práticas de autocuidado em pacientes requer uma abordagem holística e compreensiva, que engloba diversos elementos essenciais da relação entre o profissional de saúde e o paciente. Uma comunicação eficaz é a pedra angular dessa relação. Andrade, Costa e Lopes (2013) sublinham a importância de uma comunicação clara e empática como meio de estabelecer uma conexão verdadeira com o paciente, facilitando assim um entendimento mais profundo de suas necessidades e preocupações. Essa abordagem promove não apenas a adesão ao tratamento prescrito, mas também empodera o paciente a tomar um papel ativo em seu próprio processo de cuidado.

Além da comunicação, a educação do paciente desempenha um papel crucial. Informar os pacientes sobre a natureza de suas condições, as opções de tratamento disponíveis e a importância da adesão não apenas melhora o conhecimento geral do paciente, mas também sua capacidade de participar ativamente nas decisões relativas à sua saúde. Santos (2009) destaca a necessidade de discussões abertas sobre a vida, a morte e o morrer, que podem ser particularmente relevantes nos cuidados paliativos, mas também se aplicam mais amplamente ao encorajar pacientes a enfrentarem seus tratamentos com realismo e esperança.

A personalização do tratamento é outro aspecto crítico para melhorar a adesão. Cada paciente possui um conjunto único de circunstâncias, preferências e desafios que podem influenciar sua capacidade de seguir um plano de tratamento. Reconhecer e adaptar os cuidados para atender a essas necessidades individuais pode significativamente aumentar a eficácia do tratamento. Almeida et al. (2019)

demonstram que a compreensão dos diagnósticos de enfermagem, como a síndrome de terminalidade em pacientes oncológicos, é vital para fornecer cuidados personalizados e sensíveis.

O suporte emocional e social também é fundamental para a adesão ao tratamento e o autocuidado. Pacientes que sentem suporte emocional de profissionais de saúde, família e amigos são mais propensos a aderir aos tratamentos e engajar-se em práticas de autocuidado. Bafandeh Zende et al. (2022) mostraram que a percepção das enfermeiras sobre seu papel no suporte a pacientes com câncer é crucial para fornecer esse cuidado compassivo e abrangente.

O papel das tecnologias na saúde, incluindo aplicativos de saúde móvel e plataformas online, tem crescido em importância para melhorar a adesão ao tratamento e práticas de autocuidado. Essas ferramentas podem oferecer lembretes de medicação, informações educacionais e canais de comunicação direta com profissionais de saúde, tornando mais fácil para os pacientes gerenciarem seus tratamentos. A Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC), como discutido por Bulechek et al. (2017), fornece um quadro para entender as intervenções de enfermagem que podem ser apoiadas por tecnologias de saúde, promovendo práticas de autocuidado eficazes.

A pesquisa continua a ser um pilar fundamental para avançar nossa compreensão e práticas em torno da adesão ao tratamento e autocuidado. Siegel, Miller e Jemal (2019) fornecem dados estatísticos sobre o câncer que podem informar práticas de prevenção, tratamento e autocuidado. Da mesma forma, a Organização Mundial da Saúde (2022) destaca a importância de abordagens baseadas em evidências para combater o câncer, que podem ser extrapoladas para melhorar a adesão ao tratamento e o autocuidado em diversas condições de saúde.

Encorajar a adesão ao tratamento e o autocuidado é uma tarefa complexa que requer uma abordagem personalizada e baseada em evidências. Profissionais de saúde devem se esforçar para construir relações de confiança com seus pacientes, educá-los sobre suas condições e tratamentos, adaptar os cuidados às necessidades individuais, fornecer suporte emocional e social robusto e aproveitar as tecnologias de saúde. Juntos, esses elementos formam a base para um cuidado de saúde eficaz, compassivo e centrado no paciente, promovendo a melhor qualidade de vida possível.

A importância do ambiente domiciliar e comunitário no suporte à adesão ao tratamento e ao autocuidado também não pode ser subestimada. Intervenções que envolvem a família e a comunidade podem fortalecer as redes de apoio dos pacientes, oferecendo um sistema de suporte emocional e prático que facilita a adesão ao tratamento. Estas intervenções podem variar desde o fornecimento de informações sobre a condição de saúde e seu manejo até o apoio nas atividades diárias que promovam a saúde e o bem-estar.

A gestão do tempo e a organização são habilidades essenciais para os pacientes que buscam aderir a regimes de tratamento complexos e manter práticas de autocuidado. Ensinar aos pacientes técnicas de gerenciamento do tempo, como a utilização de agendas ou aplicativos para lembrar de tomar medicamentos e comparecer a consultas, pode simplificar essas tarefas, tornando-as parte integrante da rotina diária do paciente, ao invés de um fardo adicional.

Além disso, a motivação do paciente é um componente indispensável para a adesão ao tratamento e o autocuidado. Estratégias motivacionais, como o estabelecimento de metas alcançáveis e a celebração de marcos no processo de tratamento, podem incentivar os pacientes a manterem-se comprometidos com seus planos de cuidados. Profissionais de saúde podem desempenhar um papel crucial na motivação, oferecendo feedback positivo e reconhecendo os esforços dos pacientes.

O papel da nutrição e da atividade física na promoção da saúde e no suporte ao tratamento e autocuidado é igualmente importante. Orientar os pacientes sobre escolhas alimentares saudáveis e encorajar a prática regular de exercícios físicos pode melhorar significativamente os resultados de saúde e a qualidade de vida. Profissionais de saúde devem estar preparados para fornecer recomendações personalizadas baseadas nas necessidades e capacidades individuais dos pacientes.

O manejo do estresse e a promoção do bem-estar mental são componentes essenciais do autocuidado e da adesão ao tratamento. Técnicas de redução do estresse, como a meditação, a atenção plena (mindfulness) e o relaxamento, podem ajudar os pacientes a gerenciar os aspectos emocionais de suas condições de saúde, melhorando sua capacidade de aderir aos tratamentos e manter práticas de autocuidado.

Por fim, a avaliação contínua e o ajuste dos planos de tratamento são necessários para garantir que as estratégias de adesão e autocuidado permaneçam

eficazes ao longo do tempo. Isso inclui monitorar a progressão da doença, a eficácia do tratamento e as mudanças nas circunstâncias de vida do paciente, ajustando os planos conforme necessário para atender às necessidades em evolução.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração de suporte psicossocial, gestão eficaz de sintomas e envolvimento ativo dos familiares no processo de cuidado demonstra ser fundamental para enfrentar os desafios impostos por condições de saúde crônicas. O papel dos profissionais de saúde, especialmente dos enfermeiros, é indispensável nesse contexto, pois são eles que estabelecem a ponte entre o cuidado técnico e o suporte emocional, garantindo uma assistência integral e personalizada.

A pesquisa evidencia que intervenções focadas não apenas nos aspectos físicos, mas também nos emocionais e sociais, contribuem significativamente para a melhoria da qualidade de vida. A dor e o sofrimento são dimensões que transcendem a fisiologia, tocando profundamente nos aspectos psicológicos e sociais do ser humano. Portanto, uma abordagem que considere o paciente e sua família como um todo, respeitando suas necessidades, preferências e valores, é mais eficaz e humana.

Ademais, a participação da família no cuidado emerge como um elemento chave, não só para o bem-estar do paciente, mas também para o seu próprio. O conhecimento e a compreensão sobre a doença e seu manejo são essenciais para minimizar o estresse e a ansiedade, promovendo um ambiente de suporte e cuidado mutuo.

Este estudo reforça a necessidade de políticas de saúde que incentivem a implementação de programas de suporte psicossocial e educação para pacientes e familiares, assim como o desenvolvimento de práticas de cuidado que priorizem a qualidade de vida. A integração de serviços de saúde, a formação contínua dos profissionais e o investimento em pesquisa são essenciais para avançar nesta direção.

Em conclusão, a melhoria na qualidade de vida de pacientes com doenças crônicas e de seus familiares é uma meta alcançável através de uma assistência centrada no paciente, que valorize o suporte psicossocial e a participação familiar no cuidado. O comprometimento com uma prática de saúde mais inclusiva e compassiva

pode transformar a experiência de enfrentamento da doença, promovendo não apenas a sobrevivência, mas também o bem-estar e a dignidade dos indivíduos afetados.

## REFERÊNCIAS

SILVA, R. S.; AMARAL, J. B.; MALAGUTTI, W. Enfermagem em cuidados paliativos. São Paulo: Martinari, 2013.

ANDRADE, C. G.; COSTA, S. F. G.; LOPES, M. E. L. Cuidados paliativos: a comunicação como estratégia de cuidado para o paciente em fase terminal. Ciênc. saúde coletiva, v. 18, n.9, p. 2523-2530, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a06.pdf>>.

SANTOS, Franklin Santana (Org.). Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer. São Paulo: Atheneu, 2009.

ALMEIDA, Antonia Rios et al. Ocorrência do diagnóstico de enfermagem síndrome de terminalidade em pacientes oncológicos. Enfermagem em Foco, v. 11, n. 1, 2019.

BAFANDEH ZENDEH, Mostafa; HEMMATI MASLAKPAK, Masumeh; JASEMI, Madineh. Nurses perceptions of their supportive role for cancer patients: A qualitative study. Nursing open, v. 9, n. 1, p. 646-654, 2022.

BULECHEK, Gloria. et al. NIC - Classificação das Intervenções de Enfermagem. 06. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

870

SIEGEL, Rebecca L.; MILLER, Kimberly D.; JEMAL, Ahmedin. Cancer statistics, 2019. CA: A Cancer Journal for Clinicians, v. 69, n. 1, p. 7-34, jan. 2019.

UBALDO, Isabela; MATOS, Eliane; SALUM, Nádia Chiodelli. Diagnósticos de enfermagem da Nanda-I com base nos problemas segundo Teoria de Wanda Horta. Cogitare Enfermagem, v. 20, n. 4, p. 687-694, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Cancer. World Health Organization, 3 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/cancer>>.